



DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM: VINCULOS FAMILIARES E ESTRATÉGIAS PARENTAIS

ROSA MARIA DA MOTTA AZAMBUJA

RESUMO

Com o objetivo de analisar como a família lida com a dificuldade de aprendizagem da criança diante do baixo rendimento escolar, realizou-se um estudo de caso em uma escola particular de uma comunidade de camada popular da cidade do Salvador cujo projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa e aprovado. Participou do estudo uma criança de sete anos de idade do Ensino Fundamental, juntamente com seus pais. A partir da questão básica acerca do modo como os pais lidam com a dificuldade de aprendizagem de sua filha, realizou-se a análise da interação pais e filha com base em instrumentos da teoria sistêmica da família (jogo colaborativo e genograma). Identificou-se que a criança manifesta vínculos familiares característicos de dependência e que as estratégias parentais utilizadas para orientar o comportamento da menor apontam para modalidade hipoacomodativa que podem interferir na aprendizagem.

Palavras-chave: Parentalidade; Relações familiares; Pais; Criança; Baixo rendimento escolar.

1 INTRODUÇÃO

Existe uma expectativa da família para com aquele que aprende, que interfere diretamente na aprendizagem, ou seja, uma dinâmica de encorajamento diante de novas situações, diante dos desafios ou, ainda, um desejo inconsciente de que esta pessoa permaneça dependente emocionalmente para sustentar alguns segredos (como, por exemplo, a permanência de um filho em casa para cuidar fisicamente da sua mãe quando ela estiver mais idosa). Dependendo de como aconteça esse vínculo com a aprendizagem, de como esteja a autoestima de quem aprende e de seus interesses, conscientes ou não, o sujeito poderá se transformar em um pesquisador atuante, devido a sua curiosidade diante do que lhe é apresentado em situações que não trazem respostas prontas, ou poderá reagir de modo acomodado e pouco desafiador, repetindo comportamentos pouco criativos diante de diferentes estímulos. Sendo assim, as pessoas podem desenvolver uma modalidade fóbica de aprendizagem em que seja fomentado o medo de se lançar diante do novo, de correr riscos que fará, consequentemente, aparecer a insegurança em relação ao seu potencial (Zilmerman, 1999; Almeida, 2001).

Para que ocorra a construção da aprendizagem nas relações familiares, as crianças necessitam de adultos que as atendam exercendo autoridade, dando-lhes o afeto necessário e, principalmente, separando os seus próprios conflitos existenciais dos conflitos de seus filhos.

A forma como a família permite a circulação do saber e das informações e conhecimentos vai construindo, individualmente, o lugar que cada um ocupa nesse sistema assim como a modalidade de aprendizagem de cada um. Esta modalidade é sempre singular e específica, pois está relacionada à história vincular de cada um dos elementos da família e com a dinâmica familiar por eles construída (Parolin, 2010, p. 37).

A família é, portanto, o ponto de partida para a criança desenvolver modalidades de aprendizagem facilitadoras para a autoria do pensamento ou inibidoras do desenvolvimento, desencadeando dificuldades de aprendizagem.

Estudos declaram que a dificuldade de aprendizagem coloca a criança em situação de desvantagem educacional e social, quando comparada às crianças sem dificuldades, pois apresentam resultados inferiores e se percebem com menor habilidade para aprender e com mais dificuldades de comportamento para se ajustarem às demandas do meio.

No ambiente familiar, os pais de crianças propensas a dificuldades de aprendizagem devem estar atentos às necessidades dos filhos, procurando ajuda para o seu desenvolvimento, quer dentro da instituição escolar ou fora dela, com o auxílio dos profissionais especializados,

No presente estudo, considera-se a família como o primeiro núcleo social, aquele em que a criança começa a construir suas aprendizagens, e procura-se compreender as relações familiares e suas interferências nos processos de aprendizagem da criança juntamente com os diferentes tipos de modalidades de ensino familiar relacionados com a formação das modalidades de aprendizagem das crianças.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Na presente pesquisa, buscou-se compreender como os pais lidam com a dificuldade de aprendizagem da criança, quais as modalidades de aprendizagem presentes no contexto familiar e seus reflexos no rendimento escolar. A pesquisa de campo se constituiu de sessões de avaliação psicodiagnóstica nas quais, além de levantar dados referentes à dificuldade de aprendizagem nas relações familiares, foi possível identificar estratégias utilizadas pelos pais para lidar com a criança, comparar o resultado escolar antes e depois da avaliação psicopedagógica e divulgar estes dados para a família e a escola.

O estudo aconteceu em uma escola privada da cidade do Salvador, Bahia, localizada em um bairro popular. Esta pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa. Neste estudo, realizado por meio de entrevistas individuais com os pais e os filhos, no primeiro contato, colhe-se apenas a queixa inicial, sem entrar no histórico da criança (Sampaio, 2009); no segundo, aplicou-se o genograma familiar (Cervený, 1994) com a finalidade de identificar repetições dos padrões intergeracionais entre a família de origem nuclear.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O nome da criança que, em sua raiz etimológica, significa “admirada”, foi escolhido pela genitora quando assistia a um programa de TV. Prematura de oito meses, apresentou baixo peso ao nascer e se desenvolveu saudavelmente com a contribuição da genitora para a sua nutrição que conservou o hábito de facilitar a mastigação da criança com a utilização de alimento pastoso, até os dois anos de idade, para facilitar sua ingestão.

Aos três anos de idade, ingressou na mesma escola da irmã, com excelente adaptação social. Aos cinco anos, os pais se separaram e ela ficou residindo com o genitor, que desenvolveu hábitos dificultadores do desenvolvimento emocional da criança como dar banho, contar a mesma história sem alteração do enredo e dar a resposta para o dever de casa. Nos primeiros anos escolares, a criança manifestou agressividade e resistência em aprender. A coordenadora, sensibilizada com a situação familiar, promovia a aluna sem rendimento escolar. Atualmente, a menina está na segunda série e apresenta dificuldade de leitura e interpretação.

Na história de vida da “menina admirada” destacamos três aspectos relevantes: I. prematuridade; II. modelo de aprendizagem; III. papel do genitor.

I. Prematuridade

O primeiro aspecto que notamos foi a gestação difícil seguida do parto cesariano e prematuro, aos oito meses. Estudos apontam que crianças cujas mães tiveram complicações na gravidez e/ou durante o parto ou que nasceram prematuras têm aumentada a possibilidade de desenvolvimento de algum tipo de dificuldade de aprendizagem (Muñiz, 2001; Ramos e Cunha, 2009).

II. Modelo de aprendizagem

O segundo aspecto observado é o modelo de aprendizagem facilitador desde as primeiras relações, que resta evidente no fato de a criança, com dois anos de idade, receber ainda alimentação triturada e se recusar a mastigar grãos. Esse tipo de atitude exemplifica a tendência a este modelo, segundo Chamat (2004), Pichon-Rivière (2007) e Bleger (1998), impede o rompimento do vínculo de dependência da criança dos genitores, do ponto de vista psicológico, afetivo-cognitivo e de comportamento infantilizado. “Falta-lhes esquemas e estruturas de pensamento que lhes possibilite uma aprendizagem assimilativa; e, ainda mais, o desejo de pensar pelo medo do desequilíbrio” (Chamat, 2004, p. 40).

III. Papel do genitor

O terceiro aspecto a ser considerado diz respeito ao papel do pai na criação da filha, após a separação da esposa. Para Bittelbrunn e Castro (2010), as pesquisas mostram a tendência de consolidação de um modelo paterno de atuação identificado como novo pai que ocupa um lugar, uma posição mais participativa e afetiva nas relações intrafamiliares, enfatizando a responsabilidade do homem não só no exercício da paternidade, mas, também, na divisão de tarefas domésticas, por meio da qual os homens cruzam a linha da demarcação de gênero (a tradicional divisão de papéis) a fim de expressar sua competência na paternidade solidária, no trabalho doméstico, seja por opção seja por necessidade.

Ao aplicar o genograma familiar que consistiu em conhecer a história da criança, concordamos com Cervený (1994) que toda família transmite o seu modelo, como uma espécie de legado, afirmando que, não só os pais, mas todo o sistema familiar, estando aí incluídas as gerações passadas, servem como modelo para a transmissão de padrões comportamentais, que vão se repetir, podendo até pular alguma geração, mas ser encontrado novamente nas subseqüentes.

Para Polity (2004), essas repetições podem também ser observadas com relação à aprendizagem, pois o grupo familiar transmite o seu modelo, de forma que as gerações mais novas podem “aprender a aprender”. No caso, o genitor conserva o hábito de ler as mesmas histórias para a filha antes de dormir. Segundo o pai, ele tenta modificar o enredo, porém a filha reclama e o pai cede.

Quando nos referimos à repetição de padrões intergeracionais de uma geração para outra subseqüente, não nos colocamos na posição de que o passado determina, para o sistema atual, o que deve ser repetido. Nossa posição é que, no sistema relacional, estão disponíveis certos padrões que podem vir a ser repetidos por algum dos membros da família, conforme atesta Cervený (1994, p. 42).

Concordamos que os padrões intergeracionais se manifestam de diferentes formas. Existem sistemas familiares em que os padrões são repetidos exatamente como aconteceu na família de origem, sendo possível compreender a força que as repetições têm no sistema familiar.

Ao analisar as relações familiares procurando detectar que papéis os pais desempenham no processo do conhecimento na criança, constatou-se que há predomínio do vínculo de dependência. Assim, cabe perguntar: Será que o vínculo de dependência não está interferindo na aprendizagem?

Nesse caso, percebeu-se que os pais tendem a conservar a menina em um vínculo de dependência, impedindo, a nível consciente ou inconsciente, sua passagem para uma nova fase.

4 CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo analisar como a família lida com a dificuldade de aprendizagem da criança diante do baixo rendimento escolar. Para isto, buscou-se

identificar a modalidade de aprendizagem presente na interação entre pais e filhos em situação de ensino- aprendizagem e comparar o rendimento escolar da criança com dificuldade de aprendizagem antes e após a avaliação psicopedagógica.

A pesquisa possibilitou uma análise detalhada dos dados, a partir do diálogo com os participantes, atendendo, assim, aos objetivos que se propôs a investigar. Evidenciou-se que os relacionamentos familiares interferem na aprendizagem dos filhos, estimula-os a procurar novas modalidades transacionais e uma melhor distribuição dos papéis e funções familiares.

Tendo em vista o objetivo de analisar como os pais lidam com as dificuldades de aprendizagem da criança diante do baixo rendimento escolar, buscou-se identificar e analisar as concepções dos pais acerca da dificuldade dos filhos, percebendo-se que eles não têm clareza de que a dificuldade de aprendizagem, independentemente da sua etiologia, se inicia na família, através de atitudes que inibem a autonomia de raciocínio e a oportunidade de entrar em contato com situações novas e desafiadoras.

Constatou-se que quando a prática educativa parental, modalidade de aprendizagem presente na interação entre pais e filha em situação de ensino-aprendizagem, não autoriza a livre autoria de pensamento, isto se revela na insegurança que a criança apresenta ao raciocinar em termos mais abstratos ou em situações em que deve esconder sua opinião.

Com relação às práticas educativas parentais, estas são transmitidas através de um modelo facilitador apontando para modalidade de aprendizagem hipoacomodativa que podem interferir no baixo rendimento acadêmico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Pula Decnop. Quando o vínculo é doença: a influência da dinâmica familiar na modalidade de aprendizagem do sujeito. **Rev. Psicopedagogia**, São Paulo, v. 28, n. 86, p. 201-213, 2001. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v28n86/11.pdf>>. Acesso em: 14 jan.2024.

BITTELBRUNN, E.; Castro, M. Sou pão! reflexões sobre os pais que educam/criam seus filhos sozinhos. In: L. Moreira, J. Petrini, & F. Barbosa (Org.). **O pai na sociedade contemporânea**. São Paulo: Edusc, 2011, p. 225-236.

BLEGER, J. **Simbiose e ambigüidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998. (Série Psicologia e Psicanálise).

CERVENY, C. **A família como modelo**: desconstruindo a patologia. Campinas: Livro Pleno, 1994.

CHAMAT, L. **Relações vinculares e aprendizagem**: um enfoque psicopedagógico. São Paulo: Vektor, 1997.

CHAMAT, L. **Técnicas de diagnóstico psicopedagógico**: o diagnóstico clínico na abordagem interacional. São Paulo, Vektor, 2004.

PAROLIN, I. **Professores formadores**: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem. 2. ed. São José dos Campos: Pulso, 2010.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

POLITY, E. **Dificuldade de aprendizagem e família**: construindo novas narrativas. São

Paulo: Vetor, 2001.

POLITY, E. **Psicopedagogia, um enfoque sistêmico:** terapia familiar nas dificuldades de aprendizagem. São Paulo: Vetor, 2004.

SAMPAIO, S. **Manual Prático do diagnóstico psicopedagógico clínico.** São Paulo: Wak, 2009.

ZILMERMAN, D. **Fundamentos psicanalíticos:** teoria, técnica, clínica: uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999.